

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

REDACTOR PRINCIPAL—ALEXANDRE VIEIRA

ANO III—Número 889

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Sabado, 15 de Outubro de 1921

Editor—CARLOS MARIA COELHO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Endereço telegraphico Talha-Lisboa—Telefone 5389

Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

O dia de ontem foi assinalado por dois lamentáveis desastres: em Palma de Cima abateu um andaime, de que resultou ficarem feridos quatro operários, e em Campo de Ourique desabou um prédio em construção, havendo mortos e feridos.

Mais uma vez o desleixo e a incúria da Câmara Municipal e a ganância dos empreiteiros motivaram a perda de vidas e ferimentos graves de alguns operários.

## A mocidade das escolas e a República

O homem que actualmente no Terreiro do Paço detem a pasta da instrução viu-se forçado a confessar a um jornalista que a mocidade das escolas superiores é monárquica.

No tempo da monarquia, a mocidade era republicana. Mas nesse tempo um forte idealismo soprava por todo o país. Todos queriam colaborar na renovação da sociedade portuguesa, monopolizada pela reacção, vivendo a vida mortal da rotina, usando e abusando do culto do passado.

Tinha-se atingido o máximo da decadência. Tudo estava podre, tudo estava fora da tendência avançada da época, tudo estava corrompido.

O século XIX revolucionara o mundo com as suas descobertas científicas. Criara-se uma nova filosofia, discutiam-se todos os grandes problemas da existência humana. Deus era apeado do pedestal; o catolicismo recuava e entrava numa crise prodigiosa; o papa, assustado com o socialismo, discutia-o e queria-o acorrentar ao Vaticano. A Universidade vivia de ciência velha, condenada pela ciência nova, soterrada sob uma montanha de sebetas.

A sombra de Pina Manique errava triunfante por todas as manifestações da vida moral, política, científica, social. A mocidade escutava desalentada essas múmias apoiadas por uma disciplina estúpida, decorativa, quasi medieval, e lia às escondidas, românticamente, até altas horas da noite, com o estômago vazio, os grandes espíritos renovadores da vida.

A república apoderou-se de todos os corações, subjungo todos os espíritos, monopolizou todas as energias da juventude que tinha fome de saber e tinha fome.

A academia ia-se revolucionando cada vez mais e os lentos, como revanche, entriçuravam-se furiosamente no passado.

O estudante não se limitava a viver com os livros, procurava o povo, falava-lhe, evangelizava-o e vivia com ele tanto quanto podia. No contacto com a massa sofredora, os estudantes iam radicalizando a república. Alguns deles chegavam a afirmar-se anarquistas, declarando-se a república um regime transitório.

Os alunos já instalados na vida, empurrados por essa mocidade ardente, pediam em altos gritos uma república para o povo. «A república tem de ser socialista ou não será», escrevia o aristocrático João Chagas.

Um dia, numa explosão irresistível, Lisboa proclamou a república.

As atitudes mudam. Os revolucionários, os republicanos radicais deixam de ser postas, deixam de querer dinamitar a injustiça, para se tornarem homens de Estado.

Um dos mais radicais, o dr. António José de Almeida, funda uma corrente conservadora.

Atravessamos apressados e enojados estes onze anos e voltamos à confissão do actual ministro da instrução.

O ideal desaparece, os avançados, os anarquistas que reagiam energicamente contra o passado foram furiosamente perseguidos e os reacçãoários, consentidos, admitidos, protegidos.

Condenavam-se a uma derrota certa os homens de ideal. Triunfavam os homens práticos.

E que obra prática, útil, realizaram estes homens práticos? Limitaram-se a entriçurar-se no orçamento, a criar lugares rendosos, em prevenir todos os que com sinceridade queriam intervir na marcha dos negócios públicos.

O ensino só interessava aos vendedores de pastilhas milagrosas, aos fazedores de métodos de leitura, e a tudo de quanto se podesse arranjar lucro.

As escolas superiores não se transformaram. Os professores permanecem sendo os monárquicos de sempre. Os programas não foram integralmente modificados. Alguns modificaram-se para pior. A república permaneceu impassível, indiferente, desdenhosa, perante a actividade dos professores das escolas superiores que prégavam o Deus e o rei do alto das suas magestosas cadeiras transformadas em púlpitos. Houve groves académicas. E a república em vez de atender no que elas tivessem de justo, irritou-as.

Qualquer pigmeu fabricado pela otaria do seu partido politico, está ministro da instrução. Os ministros da instrução em Portugal tem saído dumas mistificadoras sortes de prestidigitação que fazem dum burro um pedagogo.

A sua ignorância legisla a torto e a direito, como se a república se implantasse nas escolas superiores com decretos disparatados.

A república é anti-intelectual, tem uma atmosfera imoral, irrespeitável para a mocidade e para ela não há lugar. Não satisfaz nenhuma aspiração, retraindo porisso todos os desinteressados e vivo a agonia a que os seus mercenários servidores a conduziram.

Sejamos francos. A república oscila entre a monarquia e a revolução social. A sua inclinação é para as direitas porque nela abundam os tais homens práticos e o radicalismo republicano está desacreditado. Quem diz hoje republicano radical, diz intolerância, diz pistola automática, diz cavalo marinho.

No entanto esta república fez mal em se inclinar para as direitas. Elas já a iam pulverizando e só o esforço dos avançados, dos tais avançados que ela renega, persegue e combate, a salvou.

São monárquicos os alunos das escolas superiores? Outra coisa não podiam ser com monárquicos por professores, com programas de ensino antiquados, hostilizados pela república, isolados do próprio povo...

## Passes da Carris

O presidente do ministério recebe na próxima quarta-feira, pelas 17 horas, a comissão delegada dos portadores de passes da Companhia Carris de Ferro.

## Ferrovários do Sul e Sueste

A Comissão delegada dos ferrovários do Sul e Sueste, representando a respectiva Associação de Classe avistou-se ontem, 14, com o ministro do Comércio, pelas 15 horas, expondo a situação económica desesperada dos ferrovários do Sul e Sueste e Minho e Douro e reclamando do governo immediatas providencias nesse sentido, visto ser impossível continuar o pessoal a trabalhar em tam miseravel situação como a que se encontra. Também a Comissão chamou a atenção do ministro para a nomeação duma comissão anunciada nos jornais, visto que os representantes do pessoal a nomear só o podem ser aqueles que já se acham eleitos oficialmente ao abrigo do decreto 7229, facto pelo governo e imposto aos ferrovários.

Por sua parte o ministro do Comércio

## Administrador de concelho acusado de prepotências

Assinada pelo sr. José de Oliveira Salvador, presidente da comissão executiva da Câmara Municipal de Espinho, foi recebida em Lisboa cópia de um telegrama por esse senhor enviado ao ministro do interior e governador civil de Aveiro, no qual se acusa o administrador daquele concelho de cometer arbitrariedades e prepotências contra os empregados da Câmara Municipal, para assim evitar o pagamento de impostos camarários por parte dos seus amigos. O signatário pede urgentes providencias.

## Rebeldias

Os jornais de um destes dias deram a noticia de ter sido surpreendido, pelo revisor do rápido do Porto, a roubar utensilios de uma carruagem, um juiz de direito.

—Esse juiz é um ladrão—dizem.

—Não sejas insolentes. A um juiz não se pode chamar ladrão.

—Mas ele praticou um roubo.

—Não senhor. Não se trata de um roubo, mas de um caso de kleptomania.

—De quê? kle... kle...

—Kleptomania que dizer, esse juiz sofre de uma especie de alienação mental caracterizada pela tendência para furar, isto é, apoderar-se do alheio tentado por uma força superior à sua vontade.

—Mas também o que rouba um pão ou arranca os brilhantes das orelhas duma senhora é impellido por um impulso irresistível, por uma força superior à sua vontade, como a da necessidade de comer ou de satisfazer um capricho indomável.

—Não é bem isso. O kleptomano rouba... rouba por doença... porque... porque sofre, porque tortura-se se não rouba.

—Tal como o desgraçado que rouba um pão ou uma carteira. Rouba para evitar um sofrimento—a tortura de não comer.

—Não é isso. O kleptomano não rouba para satisfazer uma necessidade material.

—É muito pior então, porque o que furta por necessidade deixará de furta desde que tenha as suas necessidades satisfeitas, ao passo que o kleptomano não deixará de roubar nunca, porque roubar é nele uma tendência ingênita. Esse é que é o verdadeiro ladrão.

—Não, não! Não se pode chamar ladrão, porque essas pessoas atacadas dessa doença são pessoas educadas, de representação social que não necessitam do produto do seu roubo.

—Ah! percebemos. A kleptomania é uma doença que só se manifesta nas pessoas bem colocadas na sociedade: nos juizes, nos médicos, nos advogados, nos politicos... Aos pobres, aos da rala não se admite essa doença.

Pois então sempre lhe diria, amigo, que entre a tal classe superior da sociedade lavra a epidemia da tal kleptomania...

Pinto QUARTIM

em milongas de Coimbra

Propaganda Vale por um artigo de combate anti-clerical anti-religioso cal o sulto de A Monarquia, o diário integralista, sobre Francisco Ferrer. Por isso o transcrevemos sem comentários.

Faz hoje, ao certo, doze annos, que um pequeno testamento, nos fossos do castello de Montjaich, Francisco Ferrer, um dos principais responsáveis da desordem espanhola e o maior culpado da semana sangrenta de Barcelona que deu a morte a milhares de pessoas.

«A Maçonaria traiu de espalhar pelo mundo inteiro a ideia de que Ferrer foi a vítima duma injustiça. Foi principalmente nos meios operários que a acção maçonica se desenvolveu nesse sentido, chegando a promover tumultos em França».

«Há, porém, as figuras de Mau e Lalande, os justicadores do agitador, apparecidos nos cheios de prestigio por terem ido até ao fim no cumprimento do seu dever».

«Deixai ulular a caçada int' emocionall!»

Uma hora Em harmonia com as disposições da hora legal, a meia noite de ontem os relógios foram atrasados 60 minutos.

Assim, às 24 horas, os relógios passaram a marcar 23. E aqui está como hoje não podemos responder a quem nos perguntar que horas são:

—As mesmas que eram ontem por estas horas...

Como se apanham O Diário de Lisboa dizia ontem que o sr. Lelo Portela está na disposição de multar todas as servizaes que não tenham livretes. Das vinte mil servizaes que existem em Lisboa só mil e setecentas o têm. O governador civil vai mandar exercer uma rigorosa vigilância por brigadas especiais da policia.

«Era, pois, com verdade que A Batalha de demencia sempre as noticias vindas nos jornais e dimanadas do governo civil afirmando quotidianamente que era grande número de servizaes que acorria a tirar as suas cadernetas. Como se vê, de 20.000 criadas apenas mil e setecentas as possuem. Mais uma vez se confirma: informação officiosa é informação mentirosa».

A ganância Do jornal A Luta transcrevemos o seguinte periodo com que abre a sua noticia do desastre de ontem:

«Não é facil encontrar termos com que se possa verberar o procedimento ganancioso que se apoderou da nossa sociedade. Triste, mas é assim mesmo! O grande desastre de hoje pôs bem em evidencia estas afirmacoes. Amalhar, aferrillar notas do banco, muitas notas, eis o objectivo de milhares de criaturas sem escrúpulos, de que está elevada a sociedade portuguesa!»

«Não há a menor attenção seja por quem for quando o espirito interessado se apodera, como todos nós sabemos, dos commerciantes sem entradas e de senhores de má morte. O bairro do Alto do Paço, Camões e Campo de Ourique estão sendo possuídos por edificações ligeiras e tam ligeiras até que ao mais leve sopro se abocroam por completo».

Ver na 3.ª página o nosso folhetim

A revolta da carne

## OS CRIMES DOS "GAIOLEIROS" OS DESMORONAMENTOS DE ONTEM

Até ontem à noite foram removidos dos escombros os cadáveres de três operários

São inúmeras as vezes que A Batalha tem protestado contra esses modernos construtores civis conhecidos pela pitoresca denominação de gaioleiros cujos intuits se cifram em amontoar rapidamente fortunas, construindo prédios destinados a vir abaixos.

A fiscalização da câmara é culpada dos desastres ontem ocorridos e de nenhum modo pode afastar as graves responsabilidades que sobre ella impendem.

Os seus desleixo ou a sua cumplicidade e accentuou-se sempre que Lisboa assistiria à derrocada de muitos dos prédios já edificados e da maioria dos que se encontram ainda em construção!

Os desastres ontem ocorridos veem, infelizmente confirmar as nossas previsões.

O desabamento na rua Correia Teles, o mais importante dos ocorridos ontem, fez perder a vida a alguns operários e deixar outros gravemente feridos.

Como se deu o desabamento Em Campo de Ourique, numas terras denominadas «do Sabido», estão em construção vários prédios que constituem a rua n.º 3 daquele bairro. Ontem cerca das 10,45 a gente do sitio foi alarmada por um ruído formidável, constituído, pouco depois, que havia abolido parte do prédio que tem a fachada para a rua Pereira e Sousa, e uma das paredes laterais para a referida rua n.º 3.

Efectivamente, a essa hora, quando o pessoal da obr, constituído por seis pedreiros, sete carpinteiros e dez serventes, estava a trabalhar, disseminado pelos andaimes, construídos com madeiras delgadas, em mau estado, fora surpreendido pela derrocada, verificando-se logo que havia desastres pes soais.

Estabelecido o alarme, juntaram-se no sitio centenas de populares, que prudentemente se conservaram a distancia, pois receiava-se que o resto do prédio abastecesse. A parte que abatera, que deixava para a rua n.º 3, constituia, agora, um colossal monte de entulho, de onde partiam affilivios brados de socorro. No primeiro andar, uma mulher com uma criança, pedia que a salvassem, tendo-lhe valido Carlos de Brito, operário de uma obra próxima que, para a pôr a salvo, ariscou a vida.

Aos gritos de socorro acudiram o chefe da policia Alexandre Alves e os guardas n.ºs 1595, 1622, 1997 e 1771 não tardando a comparecer os bombeiros municipais do quartel n.º 7, bombeiros voluntarios de Campo de Ourique, soldados do regimento de sapadores dos Caminhos de Ferro, os quais trataram immediatamente de proceder ao salvamento das victimas.

Os mortos e os feridos Nos escombros foram encontrados os cadáveres de três operários que recolheram à morgue depois de verificadas os obitos, desconhecendo-se ainda a sua identidade.

Por esse motivo encontraram-se em exposição naquele estabelecimento até serem reconhecidos.

Ao posto da Cruz Branca foram conduzidos em automovel, sendo depois transportados para o hospital de S. José, os carpinteiros José Marques, de 27 anos, casado com Maria Rita, natural da freguesia da Serra, concelho de Tomar e residente na rua Carlos Testa, J. B. e Alípio Nunes Peres, de 24 anos, casado, natural de Penacova e residente em Cacilhas, rua das Terras e Joaquim Mota Rosa, de 31 anos, casado com Luzia Baptista, natural de Mouriscas, concelho de Abrantes e residente na rua Maria Pia, letra R, os quais depois de devidamente tratados pelo cirurgião de serviço dr. sr. Azevedo Gomes, recolheram em estado grave à sala de observações.

Fôram presos os responsáveis do sinistro O prédio que abateu pertencia a dois irmãos chamados Luís e Jacinto Martins que tinham constituído uma sociedade de construções civis que girava sob a firma Martins & Martins.

Esses «gaioleiros» empregavam na sua construção materiais de ruim qualidade. Os dois irmãos são conhecidos por fançasas deste genero, tendo mais de 30 prédios em construção, certamente em más condições.

A policia de investigação, depois de varias diligencias conseguiu prendê-los.

A empena de um prédio que abate Ontem de madrugada, perto da uma hora, abateu a empena de um prédio na rua Moraes Soares, P. P., no «término» da linha electrica. O prédio, que está em construção, pertence ao sr. António Soares. Não houve desastres pessoais.

O camarada Marcelino da Silva expõe-nos as causas do desabamento Após a noticia do trágico desmoroamento, procurámos o camarada Marcelino da Silva, secretario do conselho tecnico da Federação da Construção Civil, a quem pedimos esclarecimentos sobre os motivos que originam os desastres que inúmeras vezes se tem verificado.

Acedeu facilmente ao nosso pedido e começou falando:

A incompetência e a avidez de lucro dos «gaioleiros»

A maioria dos atuais construtores civis não possui conhecimentos técnicos e vieram edificar prédios com o unico intento de ganhar muito dinheiro em pouco tempo.

Esses individuos que tinham as mais diversas profissões, obtiveram créditos de capitalistas e usurários conhecidos a juros, por vezes bastante elevados. A hipoteca das obras é feita à medida que os andares vão elevando, até que o prédio se conclui.

Enão procuram vendê-lo e muitas vezes o individuo que o compra, vê, desolado, algum tempo depois, o prédio reduzido a um montão de escombros.

Dominados exclusivamente por preocupações de lucro, não se importam da maneira como abtem os caboucos, nem estudam a solidez do terreno, e adquirem os materiais mais baratos.

As paredes não obedecem às regras da construção e são quasi sempre feitas a taipa.

—E os operários são responsáveis pela forma como esses trabalhos são executados? perguntámos.

—Essas obras não são feitas por profissionais da construção civil. Na sua construção trabalham homens, arrancados aos trabalhos do campo pelos construtores sem escrúpulos que lhes pagam quantias irrisorias.

A população da maioria dos prédios modernos está impossibilitada de se salvar, em caso de incêndio

A população, além do perigo que corre de morrer sob os escombros, está ainda arriscada a outro perigo também grave.

—E esse perigo cifra-se...

—... no caso de haver um incêndio. Os esforços dos bombeiros estão condenados a ser inefficazes.

Os peitoris das janelas não são convenientemente construídos de maneira que os bombeiros não lhes podem encostar as escadas de salvação sem correr o risco de ser despenhados.

Os locatarios perdem a esperança do auxilio dos bombeiros, ficam arriscados a perecer no incêndio.

A Câmara Municipal cabe responsabilidades nos desabamentos, devido à sua defeituosa fiscalização

E a câmara tem responsabilidades nos desabamentos?

—A sua deficiente fiscalização se po-

dem atribuir todos os desabamentos que se verificam. De resto nunca atendeu a nenhuma das inúmeras reclamações que a Federação da Construção Civil lhe tem feito. Ela chegou a propor à câmara a fiscalização por sua conta, sem nenhum encargo para o municipio.

—E a câmara...

—Obstinou-se em não aceitar a nossa oferta desinteressada. E olhe que ela nada custava à câmara, porque todas as despesas eram feitas pela organização.

—Os mestres diplomados pela câmara são culpados dos frequentes desabamentos? perguntámos.

—Tem responsabilidades neles porque assinam na câmara os termos e as licenças de obras que, na maioria dos casos, nem sequer sabem onde estão situadas.

E qual a attitudo da Federação?

—Iniciará um grande movimento de protesto. Seria necessário também que a população nos prestasse o seu auxilio. E ela tem o dever de nos auxiliar. Trata-se dos seus interesses, declarou o nosso camarada Marcelino da Silva finalizando a entrevista num aperto de mão.

O protesto operário

A Construção Civil paralisa o trabalho na próxima segunda-feira

Reúnem extraordinariamente a comissão de melhoramentos do Sindicato Unico da C. Civil conjuntamente com as comissões profissionais, para apreciar os desmoroamentos ontem ocorridos.

Foi aprovada a paralisação geral de trabalho dos operários da industria da construção civil, ao meio dia da tarde de segunda-feira, 17 do corrente, realizando-se depois uma sessão de protesto na sede da Federação.

Resolveu também que a comissão de melhoramentos visite os feridos no hospital e convidar o operariado da construção civil a representar-se no funeral das victimas.

A comissão de melhoramentos, que reúne hoje pelas 20 horas, pede a comparação de todos os militantes e das comissões de profissionais, afim de concretizar os trabalhos.

A sessão profissional dos Estudadores também protestou contra a forma como estava construída a obra da Rua Correia Teles, onde foram victimas bastantes camaradas.

As secções profissionais dos canteiros e dos serventes de pedreiro reunirám, sendo deliberado protestar contra os responsáveis dos desastres de ontem.

## EM PALMA DE CIMA Abate um andaime

Caindo ao solo quatro operários dois dos quais ficam gravemente feridos

Em Palma de Cima anda a construir-se há um mês um barracão destinado a uma fabrica de tijolo pertencente a Benjamin Coelho dos Santos tendo esta obra sido dada de empreitada a João Baptista Pinheiro, morador no Campo Grande, pário Mira e Ivo dos Santos, residente no Alto do Pina.

Ontem, cerca das 10 horas, quando os operários se encontravam sobre um andaime a colocar uma das assas, este abateu vindo cair no solo os seguintes operários:

Carlos Ferreira, de 18 anos, natural de Alemquer, trabalhador, residente na Rua Oriental do Campo Grande, 352; José Pereira, de 33 anos, natural de Tomar, trabalhador, morador na rua Barão Sabrosa; Arnaldo Pinheiro, de 30 anos, carpinteiro, natural de Lisboa, morador na Alameda da Linha de Torres, 21, 2.º; e António Marques, de 17 anos, carpinteiro, natural de Lisboa e morador na Alameda das Linhas de Torres, 65, 1.º.

Socorridos pelos civicos n.º 902 e 948 da 26.ª esquadra, foram transportados em automovel ao hospital de S. José onde o cirurgião de serviço dr. sr. Azevedo Gomes verificou que os feridos apresentavam graves contusões pelo corpo, recolhendo os dois primeiros à sala de observações e os restante a suas casas.

A secção profissional dos Estudadores do Sindicato Unico da Construção Civil, na sua reunião de ontem, resolveu chamar a attenção dos seus camaradas para a forma como são construídos os andaimes fazendo notar a circunstancia dos empreiteiros não terem o seu pessoal no seguro.

As prisões de anteontem

Ainda se encontram detidos e entregues à policia de segurança do estado os operários que foram presos anteontem, quando a policia dissolveu a sessão de homenagem a Francisco Ferrer.

A comissão central pró-presos por questões sociais procurou ontem, de tarde e à noite, o director daquela policia que não a quiz receber, alegando motivos que nada tinham para o caso.

E' natural que se pretenda manter a prisão daqueles operários, pois o crime que eles praticaram—protestar contra a reacção clerical—não agrada, pelo visto, à nossa democratica republica e aos livres-pensadores que a servem.

Cartomantes e espirítistas

Segundo consta o governo vai determinar à policia que adopte providencias no sentido de pôr cõbros às explorações que em larga escala estão sendo feitas por individuos que se intitulam cartomantes e espirítistas.

## OS INTELECTUAIS O Grupo "Seara Nova"

inicia hoje a sua acção renovadora da mentalidade da elite portuguesa, por intermédio da sua revista do mesmo nome

A grande Revolução está em marcha; nada a deterá!

Chegou a tal ponto a desmoralização da sociedade contemporânea, que as consciências bem formadas, que põem acima dos interesses pessoais ou de seita o interesse mais alto da humanidade, se sentem mal no atoleiro. Por circunstancias especiais que fastidiosos seria enumerar agora, são os intelectuais que mais perto do atoleiro se encontram. Muitos intelectuais que, por temperamento ou por educação, não sabiam resistir às tentações imperiosas da policia da mentira que defende a tirania, o roubo occulto no regime da propriedade privada ficaram soterrados, outros salvaram-se.

Os que ficaram, uma vez metidos na engrenagem desmoralizadora, tornaram-se serventuarios da reacção que definiu o espirito popular e dos capitalistas que mantem o povo na escravidão.

Pouco a pouco, porém, a verdade foi espalhando por toda a parte a sua luz benéfica, iluminando as consciências. Hoje são os ignorantes e os que tem interesses ligados à desmoralização presente e que defendem a sociedade burguesa que ora se mantem por dan adquirido. Um movimento renovador, baseado na verdadeira justiça, impellido por uma ânsia indomável de liberdade, levou as massas produtoras, as mais sacrificadas, a encetar um combate formidável contra a sociedade burguesa. Só os intelectuais ficaram fora desse movimento renovador, onde deviam exercer a sua missão divulgadora de ideias e de conceitos. O movimento porém tem-se tornado cada vez mais forte, a ponto de colocar os intelectuais que se mantinham silenciosos nesta situação difficil: ou colaborarám no trabalho renovador urgente de que a sociedade tanto necessita, ou o seu silencio se transformaria numa cumplicidade revoltante com todas as ignominias, com todas as iniquidades que o ambiente conservador em que vivemos vem provocando.

Á guisa do que se fez lá fora, alguns intellectuais portugueses fundam «A Seara Nova», no intuito de renovar a mentalidade da «élite» portuguesa

Já na França, na Bélgica, no Brasil e tantos outros países, os intellectuais que, longe de colaborar na mentira social que nos envolve, pretem sempre colocar bem alto a Verdade, começaram a exercer a sua missão esclarecedora.

Fallava Portugal. A Verdade, porém, chega a tãõ a parte. Ela entusiasma alguns dos nossos intellectuais, que por serem intellectuais, mediram quão prejudicial, quão degradante seria o perpetuarem-se tantos crimes, sem que o seu voz se erguesse para defender a Liberdade e a Justiça.

Esses intellectuais juntaram-se no grupo Seara Nova. São quasi todos bastante conhecidos do público, tais como Jaime Cortesão, Reinaldo Santos, Ezequiel de Campos, Francisco António Correia, José Azeredo Perdigão, Faria de Vasconcelos, Raúl Proença, Aquilino Ribeiro, Oliveira Ramos, Augusto Casimiro, Alfredo Quisado, Fernandes Lã-

pes, Câmara Reis, Vieira de Almeida, Ferreira de Macedo, etc.

E' principalmente por intermédio da revista Seara Nova que esse grupo de intellectuais deseja exercer a sua acção benéfica. E o alvo que pretende atingir, vai-no-lo dizer o dr. sr. Câmara Reis, com quem ontem conversámos longamente sobre o assunto.

«A Seara Nova» está alheada de qualquer partido político e não pretende tomar o poder.—O interesse colectivo acima do interesse pessoal

Como tivemos corrido o boato de que o grupo Seara Nova fóra criado especialmente para intervir na politica nacional, interrogámos o dr. sr. Câmara Reis sobre este ponto da questão.

—A Seara Nova—respondeu o nosso entrevistado—representa o esforço de alguns intellectuais alheados de qualquer partido politico. O que eles não podem nem devem fazer é alhear-se da vida politica. Querem assim, interessar-se pela vida politica, erguem acima do circo onde se debatem os interesses inconfessíveis das clientelas e das oligarquias plutocraticas, uma atmosfera más pura em que se faça ouvir o protesto das mais altivas consciências.

Não ficámos, porém, plenamente esclarecidos e telmámos: —Desjariamos saber se o grupo, embora defendendo interesses mais altos e na intenção de criar uma atmosfera más pura, pensa em tomar o poder.

—Não me caro, —apressou-se a dizer o dr. sr. Câmara Reis—o Grupo Seara Nova não pretende o poder, mas preparar as condições necessarias de todo o verdadeiro poder.

«A Seara Nova» pretende renovar a mentalidade da «elite» portuguesa, tornando-a capaz dum verdadeiro movimento de salvação.

Houve um pequeno silencio; meditámos a resposta. Depois o nosso interlocutor continuou:

—Um dos motivos que nos leva a não pretender o poder para nós, talvez o mais forte motivo, é o desejarmos sempre em proveito colectivo e não colher em proveito próprio. Não damos aos nossos aderentes qualquer esperança de beneficio pessoal.

—A quem dirige a Seara Nova a sua propaganda? —interrogámos.

—A nação em geral e nos intellectuaes em especial. Pretendemos primeiro do que tudo renovar a mentalidade da elite portuguesa, tornando-a capaz dum verdadeiro movimento de salvação. Queremos criar uma opinião pública nacional, consciente, que saiba o que quer, que tenha espirito de critica, desmpepoado e são e que exija e apoie as

